



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

WLIDIANE DA SILVA DOMINGOS

**O PRECONCEITO AOS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS NA ESCOLA: DOS
TRAUMAS À RESISTÊNCIA**

**GUARABIRA-PB
2016**

WLIDIANE DA SILVA DOMINGOS

O PRECONCEITO AOS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS NA ESCOLA: DOS
TRAUMAS À RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia,
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito avaliativo para a conclusão da
graduação em Pedagogia.

Área de concentração: Formação Docente
Orientador: Profa. Dra. Ivonildes da Silva
Fonseca

GUARABIRA-PB
2016

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

D234p Domingos, Wlidiane da Silva.

O preconceito aos cabelos crespos e cacheados na Escola [manuscrito] : dos traumas à resistência / Wlidiane da Silva Domingos. - 2017

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Ivonildes da Silva Fonseca, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. 1. Criança Negra. 2. Cabelo Crespo. 3. Cabelo cacheado. 4. Preconceito Racial..

21. ed. CDD 305.8

WLIDIANE DA SILVA DOMINGOS

O PRECONCEITO AOS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS NA ESCOLA: DOS
TRAUMAS À RESISTÊNCIA

Aprovada em: 21/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Prof.^a Dra. Ivonildes da Silva Fonseca
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marta Furtado da Costa

Prof.^a Dra. Marta Furtado da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Melo

Prof.^a Ms. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA-PB
2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

À professora e amiga Ivonildes, pela paciência, compreensão e dedicação a orientação e a conclusão deste trabalho.

Ao meu companheiro de todas as horas Jair Loan, que desde o início me incentivou e me apoiou durante a minha trajetória.

Aos meus pais Rosilene e Washington que sempre estiveram comigo me apoiando e me incentivando.

A todos os meus familiares que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos colegas de turma por todos os momentos vivenciados durante esse longo período juntos.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

RESUMO

A presente Monografia enfocou o preconceito e a discriminação racial sobre a criança negra no contexto escolar, recortando o cabelo crespo e cacheado. Entendendo que a valorização ou desvalorização dos cabelos é construção social e cultural, há a ressalva de que as construções sobre os cabelos crespos e cacheados têm relação com a forma como a população negra chegou no Brasil: sequestrada e colocada na condição de trabalhadores/as escravizadas. Os preconceitos com essa população são históricos e isso incorpora os cabelos. A escola foi o espaço escolhido para dar elementos para a discussão porque esta deveria ser o lugar para a desconstrução das ideias e ações negativas para o povo, principalmente com as crianças negras. A natureza da pesquisa foi qualitativa e a monografia foi construída através da pesquisa Bibliográfica e da técnica da Entrevista. Na parte bibliográfica autoras/es deram o aporte teórico, com pesquisas em livros sites e blogs. Na aplicação da entrevista, interagi com quatro adolescentes negras de cabelos crespos e cacheados com idades variando entre 17 e 20 anos.

Palavras-Chave:

Criança negra; Cabelo crespo e cacheado; Contexto escolar –preconceito racial.

ABSTRACT

The present monograph focused prejudice and racial discrimination on the black child in the school context, cutting curly and curly hair. Understanding that the valorization or devaluation of the hair is social and cultural construction, there is the proviso that the buildings on curly and curly hair are related to the way the black population arrived in Brazil: sequestered and placed in the condition of enslaved workers . Preconceptions with this population are historical and this incorporates the hair. The school was the space chosen to give elements to the discussion because this should be the place for the deconstruction of negative ideas and actions for the people, especially with black children. The nature of the research was qualitative and the monograph was constructed through Bibliographic research and the Interview technique. In the bibliographical part authors / s gave the theoretical contribution, with searches in books sites and blogs. In the application of the interview, I interacted with four black adolescents with curly and curly hair, ranging in age from 17 to 20 years.

Key words:

Black child; Curly and curly hair; School Context - racial prejudice.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	11
2- AS FUNÇÕES BIOLÓGICAS DO CABELO.....	14
3- TRAUMAS E RESISTÊNCIA: O PRECONCEITO AOS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	19
4- MATERIAIS EDUCATIVOS E A ABORDAGEM POSITIVA SOBRE O CABELO CRESPO E CACHEADO	25
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Cartaz do Encontro das Cachead@s e Cresp@s de João Pessoa/PB.

Figura 1-Parte do público do Evento na UFPB.....	18
Figura 2- Divulgação da beleza negra em O BOTICÁRIO.....	25
Figura 4 Boneca da coleção ADUNNI- Hi Happy	26
Figura 5:Mc Soffia	27
Figura 6: Dicas de penteados para crianças por Carol	28
Figura 7: Carol, Carolina	29
Figura 8: O cabelo de Lêle	29
Figura 9: Menina bonita do laço de fita	30
Figura 10: As tranças de Bintou.	30

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço onde se deve atentar a todas as características e manifestações culturais dos indivíduos buscando expandir o conhecimento do educando dentro do espaço de aprendizagem já que é um local onde a pluralidade racial está fortemente presente.

É dentro desse espaço que se constrói um sujeito capaz de pensar e agir dentro da sociedade com valores morais e culturais, por isso é importante mostrar e incentivar a valorização da cultura afro-brasileira e a valorização do sujeito negro para que os paradigmas impostos pela sociedade sejam exterminados e que o negro e sua autoafirmação sejam elas na cor ou no cabelo passem a serem vistos como parte de uma construção de identidade cultural própria.

Desde o início da minha vida escolar, na fase em que comecei a ler a realidade na ótica de criança, observo que as pessoas de pele escura, e cabelos crespos sempre são comparados a pessoas de níveis baixos de inteligência e que são submetidos a incorporar papéis subalternos, sem nenhum tipo de referência de beleza dentro dos padrões que somos obrigados a seguir.

Durante toda essa minha vida sempre percebi como o negro era menosprezado dentro da sociedade e que eles não eram considerados referências de modelos a serem seguidos, mas foi ao ingressar na universidade que conheci profundamente vários assuntos, com os quais, eu me identifico e assumi no meu trabalho científico. O preconceito e racismo são alguns deles.

Ao longo da minha existência, em diferentes lugares, sempre vejo os olhares de desdém às crianças negras, com enfoque na cor da pele e no cabelo e dentro do ambiente escolar não era diferente. Foi com esse olhar buscando relacionar teoria e prática que decidi fazer um trabalho buscando contribuir para entender os processos de construção de identidade e como a criança negra se vê nas escolas.

Entendendo a importância do professor dentro desse contexto como mediador do conhecimento, atentei-me para questões dentro da escola que muitas vezes

passam despercebidos ou são ignoradas pelos mesmos, fazendo a criança negra desconhecer suas origens e valores culturais, fazendo-a negar sua cor e seu papel dentro da sociedade.

Pensando nessa linha questionei por que os professores não são capazes de atuar valorizando a temática étnico-racial, a exemplo de tornar datas tão importantes para o negro em um dia de aprendizado e não de vergonha. Estou falando do “Dia da consciência negra”, 20 de novembro, pois recordo-me quando estudava na escola regular eu me sentia muito envergonhada. Essa data, era o dia que eu não queria ir para a escola pois já sabia que os olhares eram voltados para pessoas de pele escura. Presenciei vários amigos sendo discriminados ou motivo de chacota. Eu, como tenho cabelo liso, não sofri preconceito extremo mas no fundo via como as pessoas olhavam para nós.

E foi com esse olhar pensando na valorização da cultura negra dentro da escola que tive a curiosidade de entender: por que as crianças negras e os seus cabelos são vistos de forma negativa? E o que pode ser feito para que as crianças comecem a assumir seus cabelos de forma natural.

O que mais me deu um impulso para fazer sobre esse tema foi ler textos do Prof. Munanga, pois foi através de leituras deste autor que comecei a despertar a curiosidade de entender como se originou esse processo e como se fundamenta esse preconceito que já vem dos livros e é praticado na escola.

Na atual conjuntura política e social do país que vivemos, podemos ver que aumentaram o número de negros até mesmo no espaço acadêmico e que o Brasil por ter sido o último país a abolir a escravidão esses vestígios vem fortemente arraigado dentro do seu povo e cada vez mais alimentado com pessoas consideradas ideologicamente de direita e extremamente conservadores.

Neste trabalho iremos abordar como a questão relacionada à cor da pele e o cabelo são trabalhadas dentro do ambiente escolar, elementos que deveriam ser valorizados em um processo de construção da identidade e de valorização de sua cultura se torna um assunto tão hostil e doloroso para a criança negra. E como a

criança negra se percebe enquanto sujeito com características e valores culturais próprios. Assim, elaborei as seguintes problematizações:

Até que ponto uma criança é discriminada dentro do espaço escolar por ser negra, qual a importância que o cabelo tem na sociedade? E qual o papel do professor dentro do processo de construção da identidade da criança negra?

Neste trabalho meu principal objetivo é discutir a importância do cabelo no processo de afirmação e negação social da criança negra focando o ambiente escolar. Entendendo que a criança negra precisa aprender sobre a sua ancestralidade e origem para que a sua afirmação como negra seja reconhecida e cada traço do seu rosto e do seu corpo seja amado, pois ela precisa amar-se como negra e aprender a respeitar e amar a imagem que tem de si própria.

Dessa forma fiz uso da pesquisa bibliográfica e realizei 04 entrevistas com adolescentes com idades variando entre 17 e 20 anos.

O presente Trabalho está dividido em três partes. A primeira consiste em apresentar as funções biológicas do cabelo, mostrando como é a estrutura dos fios capilares. Em seguida, na parte dois, abordo situações que geram traumas e resistência aos preconceitos sobre os cabelos crespos sofridos por crianças durante a sua trajetória escolar a partir das falas de quatro adolescentes. Também mostro a falta de atuação da/o professor/a no processo de construção/desconstrução desses preconceitos durante as suas aulas. Na parte três, enfatizo os materiais educativos que enfocam de forma positiva os cabelos crespos e cacheados, na forma apresentamos marcas de produtos, e mulheres negras mostrando a valorização dos mesmos.

1. AS FUNÇÕES BIOLÓGICAS DO CABELO

Os cabelos são, ao lado da cor da pele, elementos que servem para incrementar a aceitação ou não aceitação social das pessoas. No caso das pessoas negras¹ que têm cabelos crespos ou cacheados é “normal” que estas recebam zombarias, desprezos por parte da sociedade racista.

A partir da informação da dermatologista Denise Steiner sobre a não função fisiológica do cabelo, gerei o entendimento que este elemento ganha uma grande importância relacionada a aparência física, externa e a auto-estima das pessoas, fazendo com que eles se tornem um objeto de procura e desejo e seja cobiçado por pessoas de todos os tipos e em diferentes idades.

A afirmação de que os cabelos não têm “estrutura fisiológica vital” se refere ao fato de que, com cabelo ou sem cabelo as pessoas nascem, crescem e se desenvolvem. Todavia, olhando pelo lado social, os fios capilares sempre foram valorizados dentro da sociedade humana e carregam consigo um enorme potencial de ser positivo ou ser negativo em relação ao indivíduo, valorizando a beleza, aparência e a estética. Assim, mesmo não tendo uma enorme importância para a sobrevivência vital, a ele é atribuído o poder de aumentar ou diminuir a autoestima das pessoas. Vejamos como ele é formado:

O cabelo é constituído, basicamente, de uma proteína: a alfa-queratina. Em cada fio de cabelo, milhares de cadeias de alfa-queratina estão entrelaçadas em uma forma espiral, sob a forma de placas que se sobrepõem, resultando em um longo e fino “cordão” protéico. Estas proteínas interagem fortemente entre si, por várias maneiras, resultando na forma característica de cada cabelo: liso, enrolado, ondulado. (PARANÁ, Superintendência de Desenvolvimento Educacional, 2016)

Como podemos ver todos os tipos de cabelos possuem a mesma estrutura biológica e assim necessitam dos mesmos cuidados. Também se observa que ele possui estrutura única fundamental para crescimento dos fios capilares, formando diversos formatos de cabelos sejam liso, ondulado, crespo ou cacheado. Mas, cada cultura atribui um valor ideal para o cabelo, seja ele profissional, religioso ou de

¹ É importante frisar que há pessoas negras que têm o cabelo com fios retos e que, socialmente se convencionou chamar de “cabelos lisos”. Para essas pessoas o preconceito e a discriminação são feitos por causa da cor da pele com muita melanina.

característica social e individual e este valor está ligado à posição social e política de diferentes grupos humanos.

A individualidade das pessoas centrada no cabelo também é utilizada para mostrar o seu pertencimento étnico e de classe social, indica a personalidade, seja no corte, na pintura, ou na forma com que se penteia. Como podemos ver existem várias formas de mostrar a que classe ou tribo se pertence somente através da aparência dos fios capilares. Os cabelos são repletos de significados e são associados a conceitos de ousadia, liberdade, expressão e poder para cada pessoa.

Ele constitui uma característica que se torna bastante marcante e que é variável nos seres humanos, tornando-se ingredientes fundamentais da identidade pessoal e social. No individual é como cada pessoa se vê e no social é como o grupo ao qual a pessoa pertence, é vista pela sociedade. Há o componente da afetividade que é construída e para muitas pessoas a perda dos cabelos (seja no corte do salão de beleza ou por doença) se torna uma dor irreparável.

O mesmo possui uma característica muito marcante, fazendo com que se deixe aflorar a personalidade de quem o utiliza, tornando-os muitas vezes um ato de discriminação para quem não utilizam o cabelo "liso" que é o mais utilizado dentro da sociedade.

A influência do padrão social branquicêntrico de cabelos "lisos", é tão forte que historicamente, principalmente no Brasil, foi criada a ideia de que é necessário alisar os cabelos para se tornar alguém com aparência física considerada "bem cuidada", "arrumada". Dessa forma, vemos vários casos em que as pessoas que adotam um cabelo estilo *Black Power*, ou *Dreadlocks*², são alvos de racismo. Esses estilos trazem os cabelos crespos ou cacheados com os fios naturais. No caso dos *Black Power* os fios ficam em formato redondo e para cima; os *Dreadlocks* são mechas grossas.

Esses estilos de cabelo causam estranheza em algumas pessoas e a manifestação de racismo ocorre corriqueiramente em uma entrevista de trabalho, na

² Black power, estilo de cabelo utilizado em referência ao Movimento de Grupo Negros nos EUA, que ganhou o mundo e ditou moda.

Dreadlock se tornou mundialmente famoso com o movimento rastafári e consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça.

rua, na escola ou em outras situações no dia a dia. Portanto, as pessoas negras não podem utilizar do seu cabelo para expor sua própria identidade negra e cultural.

As denominações para cabelos feios ou bonitos foram estabelecidos e impostos pela sociedade que se orienta pelo eurocentrismo, querendo impor às pessoas, um único padrão de beleza. Dessa forma o tipo de cabelo com fios lisos foi padronizado como bonitos e muitas pessoas seguem esse padrão, fortalecendo a falsa noção de haver apenas um tipo de cabelo ideal, o que convém ao padrão branco.

As denominações pejorativas dadas aos cabelos crespos e cacheados no Brasil, são inúmeras das quais as mais frequentes são: cabelo de bruxa, cabelo de bucha, cabelo de Bombril, cabelo “ruim”. Esses apelidos pejorativos foram conceitos estabelecidos no decorrer do período da escravidão e desde então a existência humana das pessoas negras brasileiras, é ameaçada pelos valores negativos que historicamente tem a intenção de destruição moral, física, principalmente focando nos cabelos crespos e cacheados.

Toda essa construção negativa sobre as pessoas negras no Brasil faz com que desde a infância muitas crianças passem a “imitar” ou a quererem ter os cabelos loiros e estirados. Elas além de presenciarem esses estímulos à imitação no cotidiano, veem os exemplos que são divulgados em comerciais de televisão, em programas televisivos infantis, nos brinquedos, especialmente em bonecas e outros produtos.

Nesse sentido recomendo o Vídeo Cores & Botas, dirigido por Juliana Vicente que há cenas de uma criança, Joana, vivendo o drama de querer ser Paqueta no Programa de alta audiência, nos anos de 1980, denominado “Xou da Xuxa” e não consegue por não ser loira. Uma cena do vídeo relacionada diretamente com esta minha Monografia, é o de Joana querer pintar os seus cabelos com tinta amarela para ter cabelo liso e loiro semelhante ao da apresentadora Xuxa Meneguel. (CORES & Botas, 2010)

A influência da mídia sobre o padrão cabelo liso é muito forte e assim o cabelo que não seja liso não é bem aceito pela mídia, apesar de estar acontecendo transformação; há o importante papel de persuasão midiática e assim forte influência nas pessoas, fazendo com que desde pequenas, as pessoas que não possuem os cabelos que correspondem a esses padrões impostos ficam à margem

da sociedade e às vezes não se reconhecem em sua beleza e passam a adotar valores e características estéticas distantes de si e da sua origem.

Mesmo com fortes paradigmas na sociedade, várias pessoas negras vêm tentando quebrá-los e vêm construindo a imagem positiva sobre os cabelos crespos e cacheados. Nesse sentido, há movimentos de mulheres negras, (feministas negras e não –feministas negras) com a autoafirmação sobre as suas estéticas e afirmam com os penteados, com eventos que os cabelos crespos são lindos e que não precisam ser alisados ou escovados para serem conforme o padrão branco.

Nessa orientação, ocorrem por todo o Brasil, os Movimentos de valorização dos cabelos crespos e cacheados. Na cidade João Pessoa/Paraíba, no ano de 2015, ocorreu o III “Encontro de Cachead@s e Cresp@s de João Pessoa” sob a condução de Equipe Organizadora composta por: Andila Nahusi; Caiala Nahahy; Janiffer Medeiros; Joice Vieira; Clareana Cendy; Noelle Dos Anjos; Gabriela Rocha; Marijane Mendes; Glaubia Freitas; Tainá de Queiroz com a parceria do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas - Neabi /UFPB e que teve o cartaz de divulgação trazendo a representação do pente que em décadas passadas era muito comum e usado por quem tinha cabelos crespos.



Figura 3- Cartaz do Encontro das Cachead@s e Cresp@s de João Pessoa/PB.

Fonte: https://www.facebook.com/events/389885497877763/?active_tab=discussion

A recepção das pessoas a esse movimento é muito grande como pode ser visto na foto na UFPB em João Pessoa.



Figura 4-Parte do público do Evento na UFPB

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10206203632427008&set=a.10206196139519690.1073741850.1150467056&type=3&theater>

A afirmação sobre esses tipos de cabelo mesmo que tenham conseguido alguns avanços, a exemplo da indústria de cosméticos, que já produz para estes tipos de cabelos; algumas atrizes e apresentadoras de televisão que assumem os seus cachos e algumas professoras, também. Mas, ainda se caminha lentamente no processo de desconstrução de conceitos negativos tão arraigados que se deu aos cabelos afrodescendentes dentro da sociedade e isso é verificável em muitas escolas que têm em suas salas, crianças negras.

2. TRAUMAS E RESISTÊNCIA: O PRECONCEITO AOS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Sabemos que a cor da pele e o cabelo são traços da identidade negra que continuam a ficar fora do que se chama “ditadura de beleza”, isto é dentro dos “padrões” da nossa sociedade. Se esses elementos são deixados de fora dos padrões de beleza, a identidade e a cultura negra deixam de ser uma representação da diversidade brasileira e continuam a ser deixadas à margem e reforçam o padrão único de beleza, o branco.

Ao iniciar a sua vida escolar a criança negra sofre preconceito e discriminação racial pois, sabemos que as professoras e demais funcionárias tendem a seguir um padrão rigoroso do “branquicentrismo” que está no currículo, além de valorizar uma estética branca em que todas têm de se enquadrar, seja na vestimenta e até a forma como deve usar o cabelo. Não é novidade as discriminações que acontecem nas festas juninas, nos desfiles cívicos em que as meninas negras são rejeitadas para ocuparem o posto de Rainha do Milho, de baliza, etc, causando muitas vezes humilhação e frustração para a criança.

Essa situação de frustrarem e humilharem as crianças negras poderia ser acabada se a história da população negra fosse contada na perspectiva positiva, coisa que é determinada pela lei 10.639/03 e 11.645/08. Percebemos que grande parte das/os professoras/es não conseguem trabalhar a história negra dentro das escolas e fazer com que as crianças se encontrem enquanto sujeitos, de uma história a qual pertencem. Ainda acontece o contrário, no lugar de sentirem orgulho da sua história, se envergonha dela, porque escutam apenas fala sobre os escravos de forma pejorativa.

Fica a pergunta sobre por que apenas é mostrada a escravidão na escola e a contribuição que os povos africanos deixaram para nós? Contribuição na culinária, na música, na dança, nas religiões que existem até hoje. Tudo isso não pode ser esquecido e jogado ao esquecimento do tempo. Embora que no século XX

começamos a falar sobre nossas origens ainda que de forma tímida e retraída e mesmo amparados pela lei 10.639/03 que regulamenta o ensino da história africana, mesmo assim, ainda desconhecemos grande parte da nossa história.

Ao iniciar os primeiros anos da vida escolar percebe-se o grande número de crianças negras que sofrem preconceito e discriminação seja pela cor da pele ou o tipo de cabelo. Além do cotidiano escolar, as crianças desde pequenas sofrem a produção branca da mídia com o grande número de apresentadoras de programas que são loiras e consideradas fadas e rainhas, passando a ideia de que estes títulos só podem ser para o mundo branco; há os desenhos animados; os comerciais. Os livros didáticos trazem conteúdos em palavras e em imagens elevando a cor da pele branca como uma cor de gente superior e com o cabelo mais bonito.

A instituição escolar é o espaço de grande contribuição na formação do sujeito e da sua identidade e deve ser um lugar de aprendizagem mostrando as várias etnias, culturas e valores diferentes, sobretudo porque é durante a vida escolar que as pessoas podem se (re)conhecer e também experimentar grandes conflitos que podem ser levados para todo o decorrer de sua existência. . A escola não pode continuar reproduzindo a falsa superioridade de ser branco e de ser o cabelo liso, o padrão da perfeição.

Mais da metade da população do Brasil é negra e grande parte das crianças se encontra matriculada e frequentando a escola. Assim, pergunto como é que um país de maioria da população negra se tornou tão preconceituoso com suas crianças?

Segundo o IBGE, os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Os brasileiros que se declaravam brancos eram 45,5%.

Na parcela do 1% mais ricos, 79% eram brancos, em 2014. Em 2004, havia 12,4% de negros e 85,7% de brancos nesse grupo.

Em relação ao total da população, 51,2% eram brancos e 48,2% eram pretos ou pardos, em 2004. (UOL Economia, 2015)

A criança negra tem um longo desafio ao entrar na escola, seja pela sua cor ou pelo seu cabelo, ou até mesmo pelo modo de vida que tem, morando em áreas de risco social e sofrendo preconceito e discriminação por esta situação; tendo a família de baixa renda sem poder atender às necessidades de boa alimentação, opção de lazer. É durante a vida escolar que a criança negra passa a ter contato com realidades e pessoas diferentes. Uma criança negra que chega na escola e vê todo os olhares voltados para ela, seja por sua roupa, ou pela forma que sua mãe arrumou seu cabelo, pelo beijo diferente que ela recebe das demais coleguinhas de sala e aquele que às vezes, é dado pela professora, a faz sentir-se diferente no sentido negativo das demais crianças que ali se encontram.

Acerca do cabelo é frequente os relatos que enfatizam que a criança negra tem seu cabelo penteado dentro de sala pela professora, desfazendo o penteado de casa ou ainda, que a criança negra levou cartas para casa com advertências da professora sobre a forma com que seu cabelo se encontrava amarrado ou sobre o cheiro que o mesmo exala.

Durante a trajetória escolar da criança negra surgem apelidos para a sua cor tais como: Macaca, negã preta, e também sobre seu cabelo como: Cabelo de bruxa, cabelo de pixaim. A fase da infância se torna uma das mais traumáticas fases na vida escolar, levando muitas crianças a acumularem traumas terríveis e o desinteresse pela escola. O efeito dos traumas causados na escola, faz com que muitas crianças negras cada vez mais não se aceitem e queiram mudar suas raízes para poderem se encaixar nos padrões “normais” e serem aceitas pela sociedade.

Segundo Vera Neusa Lopes (2005),

é preciso insistir sempre que a sociedade brasileira é preconceituosa e discriminadora em relação à sua população. Desta forma, o modelo de educação acaba não sendo inclusivo, mesmo permitindo a entrada de todos na escola. Todos entram, ou uma maioria entra. Mas nem todos saem devidamente escolarizados. Muitos não saem aptos a enfrentarem a vida como verdadeiros cidadãos. [...] (LOPES,2005, p.187)

Em relação a esse processo de entrar na escola e não saírem aptas a enfrentarem a vida, entendo que faltou na escola o trabalho pedagógico que trouxesse a história do povo negro, que tratasse a criança negra com dignidade e

isso inclui reconhecer a importância dos seus cabelos crespos. Procurei entrevistar quatro mulheres na fase adolescente, com idades variando entre 17 e 20 anos, que contaram um pouco da sua trajetória na escola, ressaltando as hostilidades sofridas com relação aos seus cabelos.

[...] Quando eu tinha 4 anos tinha um menino na creche que não queria brincar comigo porque eu era “preta”, e tinha cabelo de “bruxa” ele não gostava e não brincava com crianças negras. Aqui perto da **minha casa tinha um galpão de tintas, então eu peguei uma lata de tinta branca e me pinte para o menino poder brincar comigo e alisei meu cabelo.** [...] (O negrito é da autora) (Thalya, 2016)

[...] Quando eu estava na 6° série, minha mãe fazia um monte de trancinhas para eu ir à escola, então começaram a surgir apelidos como: **Bob Marley, cabelo ruim, cabelo de Bombril.** Tinha dias que eu chorava muito e a professora nada fazia e eu não queria mais ir à escola. (O negrito é da autora) (Fernanda, 2016)

[...] Ao andar na rua muitas pessoas, crianças e adultas, olhavam e riam do meu cabelo e falavam quando eu saía na rua: **vai chover, vai encolher o cabelo.** Isso porque eu tinha muita vergonha do meu cabelo e **aos 11 anos comecei a alisar,** lembro-me com tristeza até hoje. (O negrito é da autora) (Carla, 2016)

Na fala de Thalya, observei como o processo discriminatório e racista provoca situações dolorosas e deixam marcas que até hoje estão em seu corpo e seu pensamento, pois a mesma falou que não consegue deixar seus cabelos de forma natural e que até hoje lembra desse ocorrido de forma triste.

Do impacto que essa fala me provocou, selecionei o trecho da fala da entrevistada que mostra o quanto ela sofria querendo transformar a sua aparência e procurava ser aceita para brincar: **“minha casa tinha um galpão de tintas, então eu peguei uma lata de tinta branca e me pinte para o menino poder brincar comigo e alisei meu cabelo.”** (Thalya, 2016). Para uma criança de apenas 4 anos esse foi um processo traumático ao ponto de leva-la a tentar branquear a sua pele por entender que sua cor não era a ideal para ser aceita pelos amiguinhos da escola. E o trauma ainda não foi vencido.

Na fala de Fernanda, identifiquei como a escola pode se tornar um lugar hostil e doloroso para a criança negra em vez de ser um espaço de acolhimento e prazer. Os apelidos corriqueiros que até hoje estão tão presentes dentro da nossa

sociedade e que apesar das pessoas negras virem conquistando seu espaço a cada dia, não deixaram de ser presentes no nosso cotidiano e na nossa realidade. Fernanda foi chamada de “**Bob Marley, cabelo ruim, cabelo de Bombril**” (FERNANDA, 2016). Esses apelidos revelam o preconceito com o *Dreadlock*, apesar de estes estarem na cabeça de um artista de renome internacional; mostram a depreciação que a sociedade construiu firmando a expressão “cabelo ruim”. É a destruição total do elemento identitário (os cabelos) da pessoa negra. E para isso é importante colocar que se todos os cabelos têm propriedades biológicas semelhantes, todo cabelo é bom; ao dizer que o cabelo crespo é “cabelo de bombril” vem uma intenção de mostrar que só serve para limpar.

Na fala de Carla, podemos ver o que infelizmente na atualidade muitas crianças e adolescentes almejam que é alisar seus fios, embora a produção de cosméticos para a manutenção dos fios crespos e cacheados venha crescendo, muitas ainda sentem na pele a dor do processo de exclusão e de não aceitação por assumir seus fios, optando para se enquadrar no que é “visto” com bons olhos: cabelos alisados.

Em todas as falas das adolescentes vemos como o início da vida escolar pode ser tão dolorosa e acarretar dores e marcas difíceis de serem esquecidas ou superadas ao decorrer da existência e que infelizmente os apelidos que foram apresentados em várias das falas estão presentes no dia a dia tais como Bob Marley, cabelo de bruxa, cabelo ruim, cabelo de Bombril.

É notória a dor dessas adolescentes enquanto estavam na escola por serem negras e verem que seus cabelos não eram vistos como um cabelo “normal”, bonito aquele que pode ser admirado como os demais. Marcas que até hoje ficaram cravadas nas memórias e lembradas de forma tão dolorida.

Porém, muitas pessoas mesmo com as dificuldades encontradas dentro da escola, conseguiram através do espaço escolar superar seus medos, e conhecer seus direitos a se amar e amar seu cabelo e seu corpo como encontramos nesse relato a seguir:

[...] Eu era muito pequena, e já havia alisado meu cabelo, porque eu tinha vergonha dele, sofri muito preconceito a minha infância toda, até alisa-lo. **Mas depois que comecei a ler, conhecer minha história, eu vi que eu posso sim, ter meu cabelo natural e como ele é lindo e a minha história também.** (Juany, 2016).

No trecho da fala de Juany, observei que mesmo sofrendo preconceito durante a infância por causa do seu cabelo, ela conseguiu superar através da leitura e do conhecimento da História do seu povo e a sua própria. Quando ela diz: **“Mas depois que comecei a ler, conhecer minha história, eu vi que eu posso sim, ter meu cabelo natural e como ele é lindo e a minha história também”** (Juany, 2016). O momento da leitura e do conhecimento foi quando ela começou a entender que o seu cabelo faz parte da sua construção de identidade.

Com a fala de Juany há resistência à influência da mídia e também às pessoas que em seus convívios insistem ao uso de produtos químicos em seus cabelos, à obrigação de alisamento. O mercado dos cosméticos sempre apresenta novos produtos para alisar, mas nunca para realçar seus cabelos crespos. Vemos muitos padrões na televisão de mulheres sempre com cabelos lisos e dificilmente vemos produtos para mulheres crespas, ou modelos de cabelos crespos incentivando as crianças a usarem e assumirem seus cabelos.

Vale ressaltar que está havendo mudanças no comportamento das pessoas e do próprio mercado da beleza que começam a fabricar produtos que “respeitem” os fios dos cabelos crespos e cacheados.

3. MATERIAIS EDUCATIVOS E A ABORDAGEM POSITIVA SOBRE O CABELO CRESPO E CACHEADO.

Como o grande público vem crescendo e com uma enorme diversidade entre eles, houve a preocupação da mídia e das grandes empresas de cosméticos e produtos de beleza a criar produtos que correspondam a todos as formas e gostos variados, como a todos os tipos de peles e de cabelos.

Com a reação positiva das mulheres negras de cabelos crespos de se sentirem representadas, os produtos para esse tipo de cabelo, assim como vídeos que enfoquem de forma positiva o uso natural do mesmo vem ganhado força e repercussão nas mídias.

Podemos encontrar várias propagandas de beleza para mulheres de cabelos crespos, como a marca O Boticário que em sua propaganda traz a beleza da mulher negra, dando enfoque de forma positiva aos cabelos e dando “dicas” de como assumir e nutrir os cabelos crespos e cacheados e demonstrando produtos direcionados a esse tipo de cabelos. Em sua página na internet, a marca traz um artigo com vários relatos de blogueiras negras que resolveram assumir seus cabelos “volumosos” , mostrando como cuidar bem dos fios, como é a estrutura do cabelos crespo e incentivando o seu uso natural.



Figura 5- Divulgação da beleza negra em O BOTICÁRIO

Fonte: <http://vivalinda.boticario.com.br/cabelo/cabelos-afro-cacheados-e-crespos-valorize-sua-beleza-e-atitude> Acesso em: 15 de dez.2016

No ramo de brinquedos se destaca a linha de bonecas da Estrela que em parceria com as lojas Ri-Happy e o Fundo Baobá (Fundo para Equidade Racial), recentemente acaba de lançar uma linha com 3 bonecas negras, com características afro-brasileiras, das quais ilustro 1 boneca. Atendendo ao grande número de crianças negras que não se sentiam representadas nas bonecas, pensaram em criar um produto que fizesse com que as crianças negras se sentissem representadas. Segundo a empresa Ri-Happy, a ideia da coleção “é quebrar preconceitos e educar as crianças sobre o respeito à diversidade” mostrando como todos nós podemos nos reconhecer através dos brinquedos.



Figura 4 Boneca da coleção ADUNNI- Ri Happy

Fonte: Guilherme Deadaro. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/ri-happy-estrela-baoba-colecao-bonecas-negras/> Acesso em: 11/11 2016

Como a internet vem ganhando força a cada dia, houve um grande aumento de mulheres negras que sentiam a necessidade de expor seus desejos, e inquietações para as outras pessoas e o combate ao preconceito da mídia com o cabelo foi uma dessas necessidades. Agindo a partir desse ponto, várias blogueiras, rapper e *Youtuberes* criaram os seus próprios canais incentivando as mulheres negras, de cabelos crespos ou cacheados a amarem os seus fios e a cuidarem dos mesmos dando dicas de produtos e penteados fáceis, rápidos e baratos que elas

mesmas poderiam fazer em casa. Das *youtuberes*, cito: Rayza Nicácio, Cynthia Rachel, Fernanda Chaves, Ana Lídia Lopes.

É importante ressaltar que não só mulheres negras, mas também crianças negras como é o caso das meninas Mc Soffia, que é uma rapper de apenas 12 anos, que faz músicas para meninas e mulheres negras, incentivando as crianças a se amarem e amarem seus cachos com letras positivas e que vem aumentando a divulgação a cada dia.



Figura 5: Mc Soffia

Fonte: Renata Rodrigues. Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/cultura/mc-soffia-combatendo-o-racismo-com-musica-desde-cedo/> Acesso em: 13 de dez. 2016

Mc Soffia em um vídeo mostrando autoestima, diz:

... que as crianças negras não devem levar desaforo para casa quando escutam comentários racistas. “Eu já passei por isso de não aceitar meu cabelo e de ser zoada na escola. Então a mensagem que eu quero passar é para as meninas que ainda sofrem com isso, para que elas estejam conscientes e saibam o que falar nessas horas”. Quem já teve 11 anos sabe o quão difícil é encarar o bullying de frente, mas a moça mostra como se faz: “O meu cabelo não é duro, ele é cacheado. Duro é o seu preconceito”. Lactação mirim define! (WARKEN, 2015)

Outra Youtuber que vem ganhando divulgação é Carol de apenas 10 anos que em seus vídeos, contribui para empoderar as crianças negras. Dos seus vídeos há no YouTube, “Orgulho do meu cabelo crespo, no qual ela mostra como é lindo assumir seus cabelos. Carol também dá “dicas” de penteados para crianças, mostrando como elas devem reagir a um insulto sobre seus fios e que elas comecem a assumir os mesmos de forma natural e que ele tem beleza própria.



Figura 6: Dicas de penteados para crianças por Carol

Fonte:

<https://www.facebook.com/CarolinaMonteirooficial/photos/a.1567163133543694.1073741828.1567155386877802/1777416795851659/?type=3&theater>

Sobre o tipo ideal de cabelo, Carolina desfaz a convenção social que afirma existir o padrão único de cabelo bonito e diz:

Ouçõ muitas meninas dizendo que tem vontade de assumir cabelo natural mas não combina com o rosto delas. Então eu te pergunto, será que Deus seria sacaninha em dar pra você um cabelo que não combina? Ou isso são frases que enfiã na nossa cabeça sem gente nem perceber?

O cabelo que fica melhor prá você é aquele que você se sente feliz por dentro. Não aquela felicidade que depende de aprovação das outras pessoas. Não aquela felicidade que ao ouvir o primeiro comentário ela vai por água abaixo, mas sim aquela felicidade que vem quando a autoestima está dia. (MONTEIRO, s.d)



Figura 7: Carol, Carolina

Fonte: <https://www.facebook.com/CarolinaMonteirooficial/photos/a.1567163133543694.1073741828.1567155386877802/1779525475640791/?type=3&theater>

Também podemos ressaltar os livros de histórias infantis e vídeos de animações que colocam o cabelo crespo como parte positiva de uma história cultural e de identidade a qual faz parte da nossa vida. Assim temos O Cabelo de Lelé, Menina bonita do laço de fita, As tranças de Bintou.

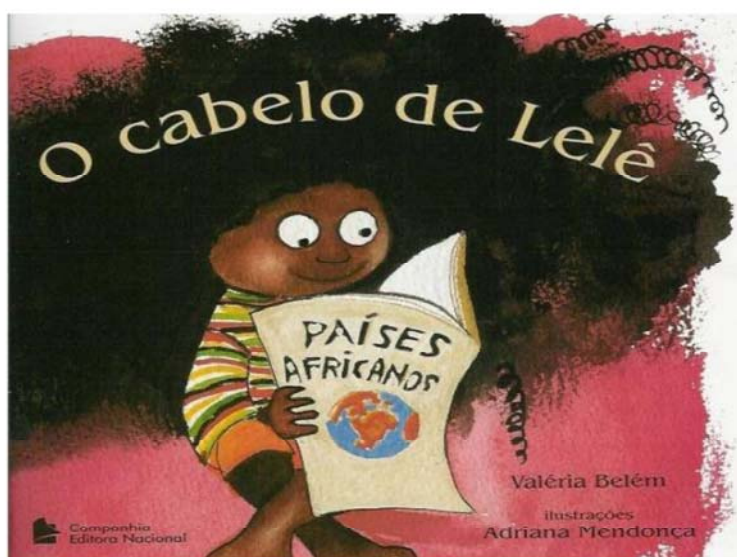


Figura 8: O cabelo de Lêle

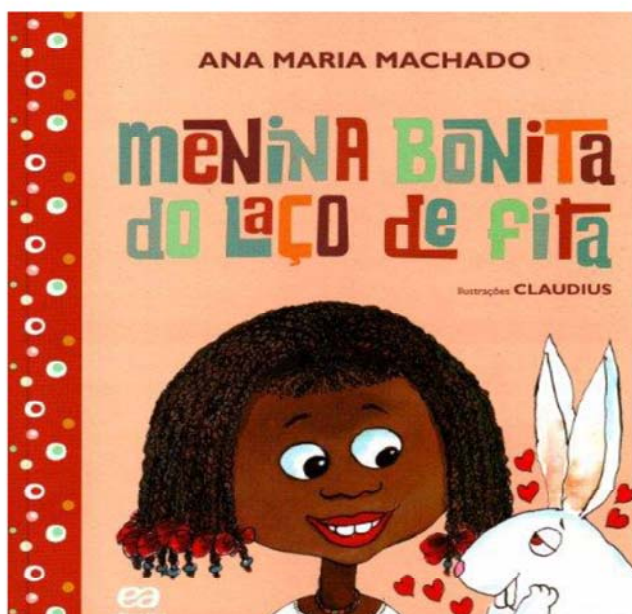


Figura 9: Menina bonita do laço de fita

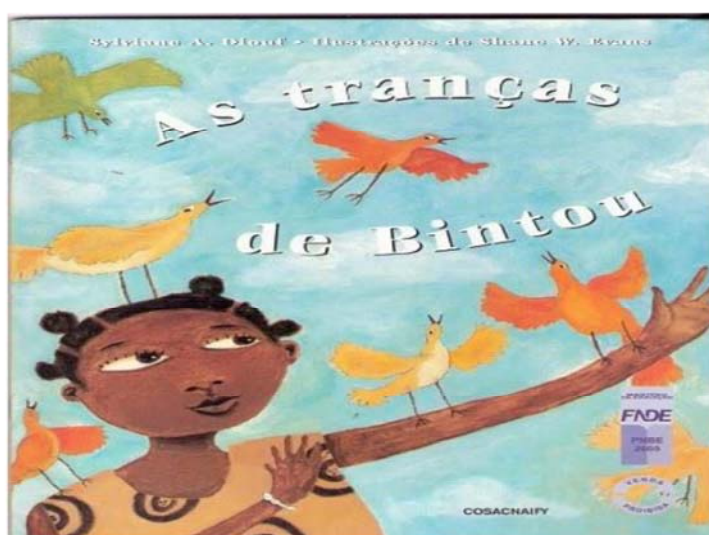


Figura 10: As tranças de Bintou.

Esses livros dos quais eu utilizo as capas como exemplos de materiais educativos, mostram a criança aprendendo a amar sua cor de pele e os seus cabelos compreendendo que eles fazem parte de uma importante história cultural a qual pertencem os antepassados.

Assim, existem uma variedade de materiais educativos e que a partir da sanção da Lei 10.639/03 foram divulgados e no caso dos livros, muitos foram distribuídos para as escolas, entretanto as aulas em muitos estabelecimentos escolares carecem de

conteúdos que valorizem a criança negra na sua totalidade e em especial, os seus cabelos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho foi muito importante e gratificante para mim, pois me levou a um aprofundamento maior de um tema o qual fez parte da minha vida, e agora, recebeu tratamento acadêmico-científico. Este exercício me proporcionou um olhar sobre diferentes visões de autoras/res e mulheres negras sobre o cabelo e sobre a sua ligação com o corpo e a identidade ressaltando a importância que o mesmo carrega dentro da sociedade e da estética se tornando algo positivo ou negativo para quem o utiliza.

Alguns questionamentos que tivemos ao início do trabalho puderam ser respondidas e aqui os coloco: Por que as crianças negras e os seus cabelos são vistos de forma negativa? E o que pode ser feito para que as crianças comecem a assumir seus cabelos de forma natural.

No decorrer do trabalho podemos verificar que o cabelo carrega consigo um enorme potencial de padrão de beleza e estética, tendo assim, uma influência muito forte sobre as mulheres levando a mídia a criarem produtos aos quais são considerados para o melhor tipo de cabelo o liso. Para as crianças resistir a esses tipos de belezas impostos pela sociedade e a mídia é muito difícil, pois as mesmas já crescem ouvindo “Cabelo bom e bonito é cabelo liso” tornando o seu cabelo inferior fazendo com que a mesma almeje o tipo de cabelo “ideal” que seja bem aceito por todos.

Entretanto, vemos que um pouco desse paradigma vem sendo quebrado quando as mulheres negras através de pesquisas, da mídia e do uso da internet fazem campanhas contra o “padrão ideal de tipo de cabelo”, fazem vídeos, blogs e até movimentos para mostrar que não aceitarão mais esse tipo de padrão que lhes foram impostos por muitas décadas ou melhor dizendo, séculos. Conseguindo assim, milhares de seguidoras fazendo com que muitas mulheres aceitem seus fios volumosos e passem a cuidar deles, com isso ganhando um pouco de visibilidade pela indústria de cosméticos que passou a criar produtos para mulheres com cabelos crespos ou cacheados.

Por fim, com a conclusão deste trabalho pude ter uma visão mais ampla e mais crítica sobre como é ser negra dentro da sociedade, da escola e dentro de todos os espaços aos quais estamos inseridas e como é difícil quebrar padrões estéticos que já vem arraigados na sociedade.

Assim, esta monografia é uma contribuição para a luta por uma visibilidade ampla e que atenda a todas as pessoas e não só aquelas em que creditam serem consideradas as melhores.

REFERÊNCIAS

DEARO, Guilherme. Ri Happy, Estrela e Fundo Baobá lançam coleção de bonecas negras. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/ri-happy-estrela-baoba-colecao-bonecas-negras/> Acesso: 11 de novembro de 2016.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002

LEOCADIO, ADRIANA. A importância do cabelo na sociedade. Disponível em: <http://adriana.leocadio.blogspot.com.br/2007/09/importancia-do-cabelo-na-sociedade.html> Acesso em: 17 de nov. 2016.

LOPES, Véra Neusa Lopes. Racismo, preconceito e discriminação: o procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 2005 p. 185-204

MONTEIRO OFICIAL, Carolina. **O cabelo ideal para seu rosto**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BKK9Tc-Ailp/> Acesso em: 16 de dez.2016

PARANÁ, Superintendência de Desenvolvimento Educacional. Fio de cabelo, 2016 Disponível em: <http://www.biologia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=410&evento=3> Acesso em: 15 de nov. 2016

SOUZA, Bárbara. **Cabelos cacheados, afro e crespos: valorize sua beleza**. Disponível em: <http://vivalinda.boticario.com.br/cabelo/cabelos-afro-cacheados-e-crespos-valorize-sua-beleza-e-atitude> Acesso em: 09 de nov. 2016.

STEINER, Denise. Cabelo. In: **Clínica Denise Steiner**. Disponível em: http://www.denisesteiner.com.br/importancia_cabelo.htm Acesso em: 15 de nov. 2016.

WARKEN, Júlia. MC Soffia: combatendo o racismo desde cedo. In: **M de Mulher**, 2015 Disponível em: <http://mdemulher.abril.com.br/cultura/mc-soffia-combatendo-o-racismo-com-musica-desde-cedo/> Acesso em: 15 de dez. 2016

IMAGENS EM MOVIMENTO

CORES & Botas. Direção: Juliana Vicente, 16min, color, 2010. Trabalho de conclusão do curso de Cinema na Fundação Armando Alvares Penteado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEygU0o> Acesso em: 14 de nov. 2016